

Jornal da Unicamp

Campinas, junho de 2000 - ANO XIV - Nº 152

Colóquio Internacional

memória e (res)sentimentos



O ódio como motor da história - O Brasil e o seu baú de ressentimentos - As relações entre história e memória - Identidade brasileira - Ascensão do Nazismo - Ruínas na Literatura (págs. 4 a 11)

Muito além da porteira

Na plataforma do supermercado, o caminhão exibe dentro do baú-frigorífico enormes traseiros de boi, todos pendurados pelo tendão de Aquiles. Antes do transporte, aquela carne poderia ter permanecido por algum tempo com os ganchos presos mais abaixo, na pélvis, para depois voltar a ser pendurada pelo tendão. Com este procedimento simples, teríamos peças de contrafilé, alcatra e até mesmo de lagarto ou coxão duro mais macias e igualmente suculentas.

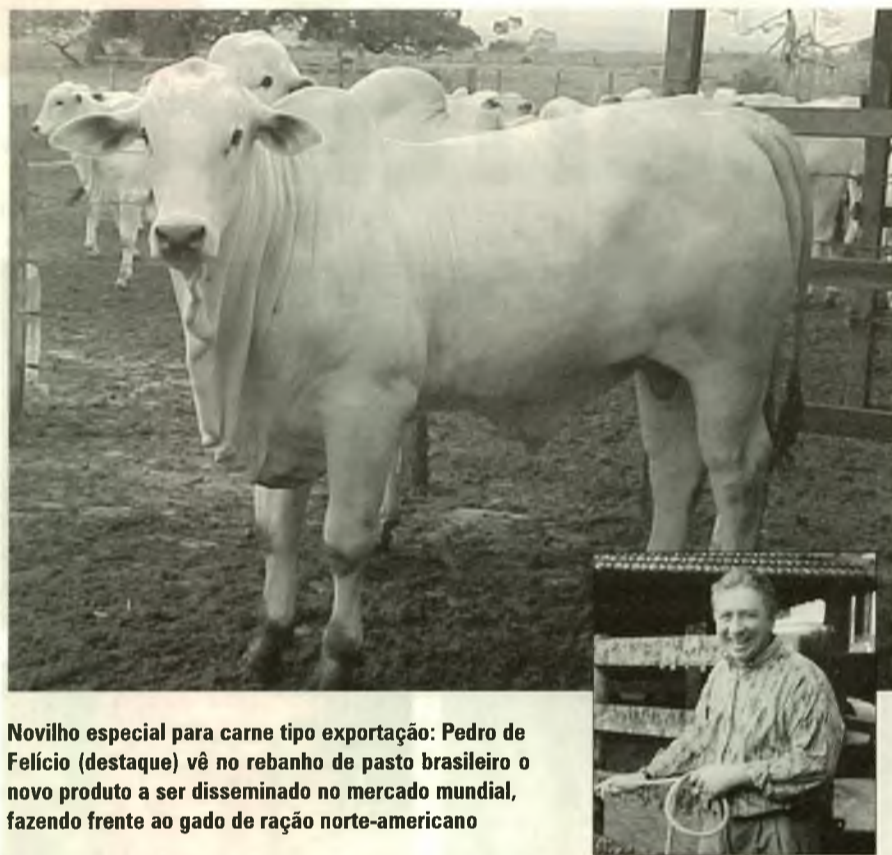
A menor maciez de certos cortes da nossa carne bovina é uma das características que não agradam ao paladar do consumidor europeu, por exemplo, e de outros países que são potenciais compradores do produto brasileiro. Para saber como melhor agradá-los, pesquisas e técnicas desenvolvidas neste setor pela Unicamp estão sendo colocadas à disposição dos produtores e dos governos estadual e federal, dentro de um esforço nacional para aumentar as exportações de carne bovina. No dia 1º de junho último, a Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) apresentou suas propostas à Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas (Abiec), que responde por 97% da nossa carne comercializada no exterior.

Pedro Eduardo de Felício, professor do Departamento de Tecnologia de Alimentos e que executou inúmeros trabalhos voltados ao rendimento e qualidade da carne bovina, explica que a idéia é reunir um grupo de especialistas que, além de fomentar e aprimorar técnicas e pesquisas, acompanhe e conduza testes de qualidade em todos os procedimentos da cadeia produtiva, desde a origem do animal até a embalagem da carne. Esta certificação de qualidade por parte da Unicamp serviria como recomendação para que a empresa utilize a logomarca das Nações Unidas em seus produtos ou estabelecimentos.

Os padrões da ONU para a carne bovina serão discutidos durante o evento "UN/ECE – Specialized Section on Standardization of Meat", que a Unicamp estará sediando de 25 a 27 de setembro próximos. As medidas sugeridas neste encontro deverão ser aprovadas posteriormente em Genebra, em abril, e a partir daí divulgadas mundialmente. A certificação pela Universidade ainda precisa ser referendada pelas Nações Unidas.

Outra proposta, que teria a cooperação do Instituto de Economia, é a de estudar estratégias para novos mercados, avaliando demanda, tipos de produtos que interessam a cada um e, tam-

Pesquisadores apresentam propostas para aumentar exportações de carne bovina, via ONU



Novilho especial para carne tipo exportação: Pedro de Felício (destaque) vê no rebanho de pasto brasileiro o novo produto a ser disseminado no mercado mundial, fazendo frente ao gado de ração norte-americano

bém, se a indústria está atendendo às condições impostas por países compradores. Segundo o professor Rinaldo Barcia Fonseca, o IE já tem tradição em estudar a competitividade da indústria brasileira, recebendo convites do governo federal para discutir e organizar cadeias produtivas, e somente o Núcleo de Economia Agrícola possui dez pesquisadores que poderiam assessorar as empresas exportadoras de carne.

Gado de pasto – Na reunião com a associação de produtores, o pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, Roberto Teixeira Mendes, afirmou que a dificuldade enfrentada pelo Brasil na exportação de carne bovina é mais uma oportunidade para que a Unicamp cumpra sua proposta de inserção da universidade no setor industrial e produtivo. O diretor executivo da Abiec, Ênio Marques Pereira, admitiu que sua entidade, criada há 20 anos, sempre teve um comportamento muito voltado aos associados e agora quer juntar esforços para melhorar a política econômica do país. "Temos dois grandes mercados (Estados Unidos e Europa) que consomem apenas meia dúzia de produtos brasileiros. É hora de sair do convencional e criar novos produtos", afirmou Ênio.

A novidade que o Brasil pode oferecer no setor de carnes, na visão de Pedro de Felício, é o gado de pasto, sem anabolizantes e outras drogas, frente ao domínio do gado de ração (norte-americano). Outra vantagem são os pêlos curtos dos nossos animais: lavados com água sob pressão, eles entram muito limpos na sala de abate. Já o gado de pêlos longos, típico de climas temperados, não pode sequer ser lavado nos currais, pois acabaria por introduzir sujidades e contaminação por gotejamento, sendo que esta contaminação acaba ocorrendo com o pó que se desprende do pelame.

O professor da FEA lembra, porém, que a nossa carne precisa ser adequada às exigências para exportação, no que se refere à padronização do corte e à cor, maciez, sabor e suculência, características determinantes na decisão de compra de consumidores mais exigentes. "As pesquisas na área de carnes ainda são muito tímidas. A partir de agora, o mercado será dominado somente por países capazes de fundamentar cientificamente seus argumentos nas negociações internacionais", afirma Felício, que guarda outra preocupação em termos de marketing: "Devemos impedir o desflorestamento visando à formação de pastagens. A comunidade mundial não nos perdoará se formos acusados de derrubar árvores para fazer hambúrguer". (L.S.)

Sem a aftosa para atrapalhar

A proposta da Unicamp à Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes é feita em momento especialmente promissor. No final de maio último, a Organização Pan-Americana de Epizootias, durante encontro em Paris, aprovou as regiões Sul e partes das regiões Sudeste e Centro-Oeste como livres da febre aftosa, liberando as exportações para países não-aftósicos como Estados Unidos, China e Japão. Isto significa a incorporação de um rebanho de 76 milhões de cabeças livres de doenças, dentro do total de 160 milhões de cabeças no Brasil.

A aftosa não chega a prejudicar o ser humano, mas provoca o emagrecimento do gado e contamina todo o rebanho. Nenhum dos países desenvolvidos compra carne "in natura" de regiões que convivem com a aftosa, porque seus rebanhos já estão livres da doença. As previsões mais otimistas são de que poderemos dobrar as cifras com exportações de carne bovina em dois anos. Os pesquisadores da FEA/Unicamp, contudo, preferiram não se ater a previsões, colocando esta duplicação à Abiec como meta para 2005.

Estatísticas da associação mostram que em 1999 as exportações brasileiras de carne bovi-

na atingiram US\$ 822 milhões, um crescimento de 36% em relação aos US\$ 604 milhões do ano anterior. Esse desempenho positivo deveu-se à forte desvalorização do real frente ao dólar norte-americano ocorrido em janeiro do ano passado, que devolveu aos exportadores parte da competitividade perdida para os outros produtores mundiais. Em termos de quantidade, as exportações subiram 53,5%, passando de 201,2 mil toneladas para 308,7 mil toneladas.

Ainda em 99, as aves foram o item de maior exportação no setor de carnes, arrecadando US\$ 875,3 milhões com 770,5 mil toneladas embarcadas. Isto correspondeu a 48% do total exportado de carnes pelo Brasil, contra 45% dos produtos bovinos e 7% dos suínos.

Analisando a relação de países importadores, nota-se relativa concentração de clientes, já que dos 87 blocos ou países compradores de empresas brasileiras, apenas 9 foram responsáveis por 80% do total exportado (US\$ 658 milhões), enquanto os demais 78 países responderam por US\$ 164 milhões. Individualmente, o Reino Unido é o principal comprador (US\$ 144,5 milhões), com destaque para as carnes industrializadas (US\$ 107 milhões) e os cortes de carnes desossadas (US\$ 36,2 milhões).

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermano Tavares. **Vice-reitor** Fernando Galembeck. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** Luís Carlos Guedes Pinto. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** Roberto Teixeira Mendes. **Pró-reitor de Pesquisa** Ivan Emílio Chambouleyron. **Pró-reitor de Pós-Graduação** José Cláudio Geromel. **Pró-reitor de Graduação** Angelo Luiz Cortelazzo.

Jornal da Unicamp Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 788-7865, 788-7183, 788-8404. **Fax** (0xx19) 289-3848. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@obelix.unicamp.br. **Editor** Marcelo Burgos. **Subeditor** Luiz Sugimoto. **Redatores** Antônio Roberto Fava, Célia Piglionne, Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônio Platano Peinado, Raquel do Carmo Santos e Roberto Costa. **Fotografia** Antoninho Marmo Perri. **Consultoria de Projeto Gráfico** Gabriela Favre. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Roberto Costa, Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** Clara Eli de Mello, Dulcinéia Aparecida B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Fotolito e Impressão** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

EXTENSÃO
EXTENSÃO

Aurélio, em busca da prata

Universidade treina paraatleta rumo à Olimpíada de Sydney

ISABEL GARDENAL

Duas semanas depois das Olimpíadas, que acontecem em setembro na Austrália com a participação de mais de 10.000 atletas em 28 modalidades esportivas, dão-se as Paraolimpíadas, a versão dos Jogos Olímpicos para deficientes físicos. Dela participam nada menos que 4.000 paraatletas, 75 deles do Brasil. Essa equipe deve incluir Aurélio Guedes dos Santos, deficiente visual, nas provas de fundismo (com distância superior a 5.000m). Para que isso aconteça, falta o atleta passar pela seletiva nos Jogos Paradesportivos no RJ, em junho, e ratificar as suas melhores marcas. Aurélio é hexacampeão brasileiro nos 800m, septacampeão nos 1.500m, pentacampeão nos 5.000m, bicampeão nos 10.000m, vice-campeão no Campeonato Sul-Americano de 1994 nos 800m, 1.500m e 5.000m, e campeão pan-americano de 1995 em Buenos Aires nos 800m e 1.500m.

Aurélio beneficiou-se de um trabalho interdisciplinar desenvolvido na Unicamp, colaboração entre o Laboratório de Fisiologia do Exercício do Instituto de Biologia (IB) e a Faculdade de Educação Física (FEF). Graças ao condicionamento físico, baseado em avaliação de dosagem bioquímica que alterna esforço e repouso, o atleta obteve índice olímpico na maratona dos 10.000m e, se tudo der certo, esta será a sua segunda Paraolimpíada – A primeira foi a de Atlanta.

Perfil do atleta – Aurélio, 37 anos, enfrentou em 1987 um acidente de moto e uma lesão cerebral, que lhe custou a perda de 95% da visão e de parte do olfato. Mas tal tragédia não impediu Aurélio de perseverar. “Ele passou por uma recuperação que veio mudar totalmente a sua vida, renascendo para a prática do esporte”, diz o seu atual treinador, Ciro Winckler de Oliveira Filho, mostrando em Fisiologia do Exercício da FEF.

“Passei a viver melhor quando me tornei cego”, testemunha Aurélio. De

acordo com a classificação do Comitê Paraolímpico Internacional, Aurélio é um atleta B2. O deficiente visual classifica-se em três grupos para competir em igual nível com os demais atletas: *Blind 1* (B1) – cego total, B2 – quem tem 5% da visão e enxerga somente vultos, e B3 – quem tem até 10% da visão e consegue definir pessoas.

Aurélio procurou a Unicamp em busca de um centro de tratamento médico mais avançado. De início, passou a participar de um trabalho de atividade motora na FEF, cuja ação envolve, além de exercícios motores, atividades esportivas. Aurélio começou pelo atletismo, visando à sua reintegração à sociedade, mas, aos poucos, conseguiu obter bons resultados.

Se em 1992 não alcançou a classificação na seletiva para as Paraolimpíadas de Barcelona, pelo menos foi um ano particularmente decisivo, pois ele passou a campeão brasileiro e venceu vários campeonatos nacionais. No mesmo ano, assumiu um cargo na Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura de Marília, após ter sido aprovado em concurso público – até então vivia de aposentadoria.

Ainda assim continuou os treinamentos, competindo pela cidade. A princípio, o professor da FEF José Júlio Gavião de Almeida – seu primeiro incentivador na Unicamp – enviava-o aos treinos a distância, os quais cumpria à risca. Em determinado ponto, Aurélio foi se desligando da Universidade e se integrando à equipe de atletas não-deficientes de Marília.

Uma grande virada aconteceu em 1996, com a classificação de Aurélio nas Paraolimpíadas de Atlanta. Na competição, trouxe um quarto lugar e dois quintos, respectivamente nos 800m, 1.500m e 5.000m. “Fui bem, mas não trouxe a tão sonhada medalha”, lembra Aurélio. De 96 a 99 deixou de participar de eventos internacionais em virtude de problemas financeiros. Neste período, deixou de ir ao Campeonato Mundial e às maratonas.

No ano passado, Aurélio participou da Maratona de Lisboa, uma etapa do Campeonato Europeu de Atletismo. Lá conseguiu o terceiro lugar. “O resultado foi ótimo, pois a Europa é o grande núcleo esportivo de deficientes do mundo”, comemora Ciro.

No ano passado, Aurélio viajava de Marília a Campinas, periodicamente, para fazer avaliações com o objetivo de obter classificação nas Paraolimpíadas. O Comitê Paraolímpico Internacional dá uma determinada cota de vagas para o Brasil nas modalidades de atletismo (deficientes físicos, visuais, mentais, cadeirantes e paráliticos cerebrais). Neste ano serão 11. “Quem tiver mais chances de conseguir medalhas é quem vai às provas. Isso aconteceu com Aurélio na maratona do ano passado”, explica o treinador. Por conta disso, Aurélio foi direcionado para o treinamento nos 10.000m, apesar de continuar na ma-

Aurélio durante as Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos: treinamento intensivo e perspectivas de trazer medalhas



ratona. Ele alcançou o índice para os 10.000m antes do tempo previsto.

Esforço à prova – Mais próximo das Paraolimpíadas, o trabalho interdisciplinar estará concentrado em melhorar o desenvolvimento de Aurélio, com especial reforço na alimentação e adoção de posturas que ampliem o seu rendimento. “Não adianta ser bom atleta só nas pistas. É preciso fora delas também”, explica Ciro. Nestes momentos é que ele vai se recuperar dos treinamentos intensivos e evitar as lesões.

A equipe que dá suporte a Aurélio na Unicamp vem recomendando que ele seja auxiliado por um corredor-guia. A função do corredor é falar o tempo, por qual quilometragem estão passando, onde está o corredor da frente e se o fundista precisa acelerar ou diminuir o ritmo. As regras não mudam para o atletismo de deficientes. Apenas são feitas adaptações para que ele possa competir de acordo com as suas possibilidades. “Competir é simples”, diz Ciro. “Difícil é compreender certas posturas de instituições de ensino que pedem aos deficientes para não participarem das atividades físicas programadas em suas grades curriculares. Este tipo de atitude é la-

mentável, ainda mais porque são eles justamente os que mais necessitam”.

Aurélio faz treinamentos dez vezes por semana, como um atleta convencional. São 40 horas de exercícios, sem contar três de musculação. “É um atleta diferenciado num país onde deficientes como ele vendem balas no semáforo ou pedem dinheiro”, afirma Ciro. “A intenção é trazê-lo de vez para Campinas, conseguir patrocínio e fazer avaliações em períodos mais curtos. A estimativa é buscar nesta Paraolimpíada no mínimo duas medalhas: prata na maratona (42 km) e bronze nos 10.000m”.

A Unicamp hoje está avaliando o quanto a visão do atleta varia durante uma atividade física, conteúdo que vem sendo objeto de estudo da dissertação de mestrado de Ciro. Esta avaliação também conta com o apoio do Grupo de Oftalmologia do HC, supervisionado pela médica Keila Monteiro de Carvalho, que analisa a deficiência visual do atleta com exames específicos. A parte fisiológica é coordenada pelo professor Luís Eduardo Barreto Martins, a parte bioquímica pela professora Denise Vaz de Macedo e de atividade motora pelo professor José Júlio Gavião de Almeida.

Paraolimpíadas

A palavra PARA é de origem da palavra grega, que quer dizer: COM = PARALELO.

- As três cores (vermelha, azul e verde) da bandeira Paraolímpica representam a mente, o corpo e o espírito.

- Em 1988 as Paraolimpíadas foram reconhecidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

- Em 1976 foi a primeira vez em que os atletas portadores de deficiência visual competiram nas Paraolimpíadas de Toronto, Canadá.

- 1980 foi a primeira vez que os atletas portadores de paralisia cerebral competiram nas Paraolimpíadas de Arnhem, Holanda.

O ódio como motor da história

JOSÉ PEDRO MARTINS

Um dos fenômenos sociais mais marcantes do final do milênio no planeta é a erupção, às vezes de forma violenta, de movimentos nacionalistas aparentemente anacrônicos com os princípios de modernidade e de respeito aos direitos humanos cultuados no contexto da globalização. Estes movimentos emergem no mesmo momento em que estão no auge o individualismo exacerbado e a crise de solidariedade como marcas predominantes das sociedades ocidentais.

Pois qual seria a gênese desses fenômenos sociais que têm intrigado políticos, jornalistas e intelectuais de vários ramos do pensamento? No limite extremo, esses movimentos, em geral alimentados pela xenofobia e pelo racismo, e que têm inquietado sobretudo o cenário europeu, podem se constituir na ponta de um iceberg de um fenômeno muito mais amplo e perigoso, semelhante ao próprio nazismo?

Estas foram algumas das múltiplas indagações formuladas a partir do Colóquio Internacional "Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível", realizado de 29 de maio a 2 de junho, no Centro de Convenções da Unicamp. O Colóquio foi promovido pelo Núcleo de História de Linguagens Políticas: Razão, Sentimentos e Sensibilidades, vinculado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. O evento teve o apoio institucional da Capes, CNPq, FAEP, Fapesp e Banespa.

O Colóquio foi o terceiro encontro organizado por

Colóquio reúne na Unicamp grandes especialistas e indaga o papel do ressentimento nos fatos históricos, que levou ao surgimento de movimentos como o nazismo

um grupo de pesquisadores sociais, basicamente da Unicamp e da Universidade de Paris I, que há dez anos reflete sobre a importância dos sentimentos – e também dos ressentimentos – para o estudo da história, em particular da história política. Esse terceiro encontro também foi idealizado em função do momento de lembrança dos 500 anos de presença européia no Brasil e, por isso, em vários momentos do Colóquio foram discutidas as influências das tramas da memória, dos sentimentos e dos ressentimentos na formação da identidade brasileira, ou pelo menos na formulação das várias interpretações de intelectuais sobre o que seria essa identidade brasileira.

Sob a coordenação de Maria Stella Martins Bresciani, do IFCH-Unicamp, e de Claudine Haroche, do CNRS, da França, o Colóquio Internacional teve a participação de especialistas de várias Universidades do Brasil, da França, da Itália e dos Estados Unidos. Uma participação especial, e carregada de enorme peso emocional, foi a de Pierre Ansart, professor da Universidade de Paris VII e que tem servido como um verdadeiro "guia espiritual" para o grupo internacional que há uma década se debruça sobre a complexa, rica e inesgotável relação entre memória, (res)sentimento e história.

História e memórias do ressentimento – Este é o título da exposição de Pierre Ansart que abriu o Colóquio na manhã de 29 de maio e praticamente deu o tom das discussões das sessões seguintes. O estudioso francês acentuou que a reflexão sobre a importância da memória e dos sentimentos e ressentimentos na construção da história dos povos tem sido enriquecida com a contribuição da Psicologia Social, da Psicanálise e de outras ciências relativamente recentes.

Para Ansart, pesquisar sobre a influência especialmente dos ressentimentos na trama da história é algo muito difícil, pois em geral evoca "a parte sombria, aterrorizadora da história". Da mesma forma, entende que podem estar em jogo as "reticências" presentes na trajetória de vida do próprio pesquisador, em termos de sentimentos como "ódios, invejas, desejos de vingança e o próprio fantasma da morte".

O professor da Universidade de Paris VII acredita que importantes contribuições para

a reflexão sobre o ressentimento foram dadas por alguns nomes capitais da cultura ocidental, como Freud, Tocqueville, Nietzsche, Max Scheler e Hannah Arendt. Ansart destaca em especial Nietzsche, e sobretudo em sua "Genealogia da Moral", de 1887.

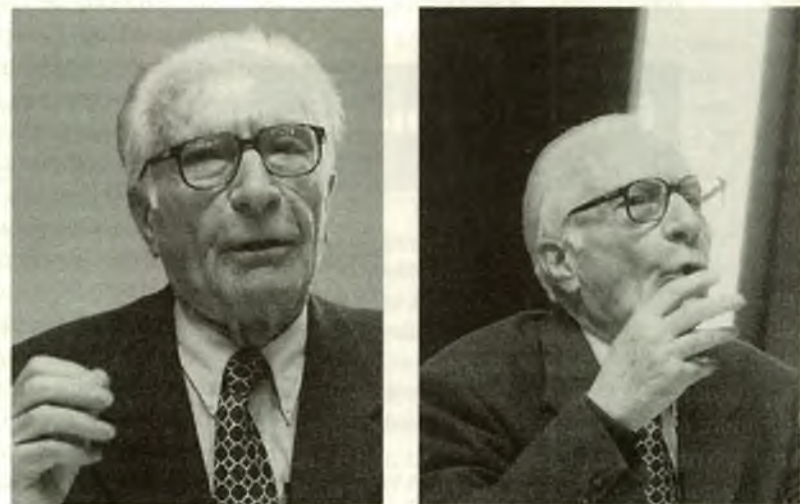
Ansart nota que, com diferentes gradações, o ressentimento aparece em vários episódios cruciais na história da humanidade, como nas disputas entre os religiosos judaico-cristãos e o Império Romano, nos múltiplos levantes de escravos contra seus dominadores e em momentos como a Revolução Francesa.

Na sua avaliação, o ressentimento manifesta-se de várias formas, como na hostilidade em relação ao chefe, no "ódio interiorizado de si mesmo" e no ódio da oligarquia em relação aos seus subordinados. Por envolver o "entrecruzamento de vários fios", Ansart sustenta que, basicamente, "não se pode falar de um ressentimento, mas dos ressentimentos". Daí a importância, em sua opinião, da reflexão de fato multidisciplinar sobre o ressentimento.

Outro aspecto ressaltado por Ansart é em relação às várias formas de manifestação dos ressentimentos, e neste âmbito ele faz algumas comparações com os estudos de Freud sobre o ciúme. Como no caso dos ciúmes, sublinha, existem ressentimentos que não são exteriorizados. Existem ainda os ressentimentos delirantes, que podem não levar a uma ação, mas também existem os ressentimentos, eventualmente de natureza coletiva, que acabam sendo expressos, sim, de modo muito violento.

Uma das fontes de ressentimento acentuadas por Ansart, e que diz respeito diretamente aos tempos modernos, é a sensação de impotência em relação a uma situação de manifesta crueldade ou desumanização. Essa sensação, observa, acaba de alguma forma traduzindo-se em ações, e muitas vezes de modo bastante destruidor.

No momento de transição para um novo século e um novo milênio, o grande desafio para as sociedades que se pretendem democráticas, para Pierre Ansart, seria nesse sentido a construção de uma gestão inteligente dos ressentimentos. O pesquisador francês considera ser esse um desafio inadiável na atualidade, considerando fatores como a crise dos Estados nacionais no teatro da globalização e a crise



Pierre Ansart: gestão inteligente dos ódios desafia a democracia

IDÉIAS
IDÉIAS

do Estado de Bem-Estar Social. Citando Max Scheler, lembra Ansart que mesmo as sociedades consideradas democráticas podem ser mais criadoras de ressentimento do que sociedades não-igualitárias.

Fontes contemporâneas de ressentimento – A importância da construção de uma “gestão inteligente dos ressentimentos”, na expressão de Pierre Ansart, ficou ainda mais evidente pela exposição de Eugène Enriquez, também professor em Paris VII. Ele reiterou que a sociedade moderna, ocidental e industrial, é uma fonte permanente de situações que podem levar ao ressentimento. Na sociedade moderna, salienta, o ser humano é muito endeusado, e por isso ele passa a sentir “um peso muito grande nos ombros”. Além disso, nota que, no mundo atual, “o perigo pode aparecer em qualquer lugar, de uma central nuclear, um megaincinerador ou de um computador atacado por um vírus”, mesmo que ele se chame *I love you*.

O atual, diz Enriquez, é um mundo em que “é cada vez mais fácil ficar desconfiado, há um conflito muito grande de informação e desinformação, os meios de comunicação divulgam muita informação mas também há muito *top secret*”.

Apesar das críticas da Escola de Frankfurt, diz o pesquisador de Paris VII, “a racionalidade instrumental triunfou” na sociedade contemporânea. Existe hoje um triunfo do “por que”, mas “como”? As própias atitudes humanas passam, então, a ser instrumentalizadas, “com todas as próteses possíveis”. Existe, ainda, um culto permanente da beleza e da jovialidade no mundo atual, o que também gera ressentimento, acredita Enriquez.

Outra fonte perversa de ressentimento, entende o especialista, é o fato de que, em um mundo teoricamente de igualdades, existe na prática muita competição e, mesmo, o que denomina de “rivalidade mimética, ou a vontade de ter o que o outro tem”, o que está na raiz do consumismo e fenômeno da moda. “Isto faz com que todos queiram a mesma marca de tênis, por exemplo”, frisa.

Para Enriquez, essas características da sociedade moderna, como o desenvolvimento do narcisismo e da rivalidade mimética, são fontes permanentes de frustração e, claro, de ressentimento. Na sua opinião, constitui um grande desafio recuperar a individualidade humana, para superar tanto o individualismo como o sentimento de apatia que advém da massificação. O individualismo exacerbado e a apatia – que leva à falta de sensibilidade – são, para o estudioso, perigosas fontes de ressentimento na sociedade contemporânea.

Ressentimento identitário – Uma advertência: as explosões típicas de ressentimento, como os nacionalismos que têm ressurgido com força na Europa, não são fenômenos pontuais, que podem ser limitados a um determinado momento histórico. Em geral, os ressentimentos são cultivados durante muitas gerações e ficam à espera do momento político propício para aflorar.

Este foi, em síntese, o núcleo da exposição de Yves Déloye, da Universidade de Paris I, abrindo o painel “Memória e história: uma questão atual”, na tarde de 29 de maio.

Para Déloye, um caso ilustrativo é o do ressentimento gerado pela secularização da sociedade francesa, após a Revolução de 1789. A radical separação do Estado, após a Revolução,



Claudine Haroche: nazismo teria nascido de um amor autodestrutivo. Déloye: ódio se transforma em mobilização



Enriquez: culto à jovialidade também gera ressentimento

levou a uma profunda crise de identidade na Igreja francesa, acredita o estudioso. Para ele, esta é a origem de um típico “ressentimento identitário”, que a partir daí passou a ser cultivado sistematicamente pela Igreja na França.

Déloye cita a forte oposição da Igreja à política educacional imprimida pela República no final do século 19 e que visava essencialmente a laicização do ensino. Uma das medidas da hierarquia religiosa foi elaborar manuais dirigidos principalmente à população das aldeias, onde a laicização do ensino passou a ser submetida a verdadeiros “autos da fé”.

É em função desse processo de alimentação histórica do ressentimento que, na avaliação de Déloye, casos como o do governo acentuadamente ultra-católico de Vichy, durante a 2ª Guerra Mundial, não podem ser vistos como episódios isolados na história de um país como a França. Eles são frutos, diz o especialista, desse ressentimento identitário nutrido historicamente e que pode se transformar em poderosa força de mobilização política.

A ascensão do nazismo – O maior exemplo histórico de exploração política do ressentimento, claro está, é o da perseguição aos judeus – e a outros grupos igualmente estigmatizados – na Alemanha nazista, ponto fulcral para a eclosão da 2ª Guerra Mundial, maior manifestação de barbárie na história humana até o momento. A gênese do nazismo foi, obviamente, discutida no Colóquio Internacional na Unicamp, como na conferência de Claudine Haroche, “Elementos de uma antropologia política do ressentimento”, na tarde de 1º de junho, véspera do encerramento do encontro.

Ela iniciou a exposição citando a afirmação, no final dos anos 80, de Norbert Elias, para quem ainda faltava muito a ser dito sobre o nazismo. De fato, para Claudine Haroche, diretora de pesquisas do CNRS, refletir sobre fenômenos como esse em geral significa tentar desvendar a face mais obscura das sociedades. Nestes casos, sentimentos, comportamentos físicos e psíquicos pertencem às zonas cinzentas que, eventualmente, estão localizadas “no limite do intangível”.

Um dos ingredientes que devem ser considerados, para Claudine, é o niilismo do povo alemão,

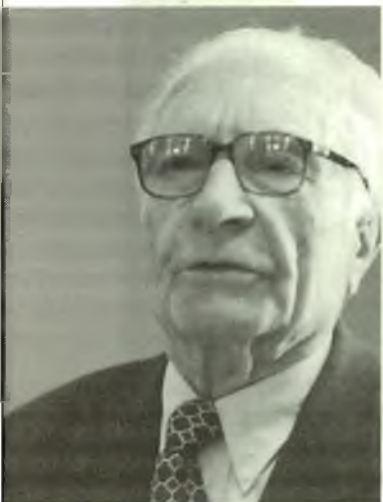
destacado por Strauss em uma conferência pronunciada em 1941, em Nova York, na Escola de Pesquisas Sociais. Para Strauss, o niilismo alemão é fruto de uma reação ao espírito dos séculos 17 e 18, os “séculos das luzes”, quando particularmente a Revolução Francesa teria “rebaixado as exigências morais da sociedade”.

Teria havido, então, uma recusa às regras de comportamento inspiradas nas idéias de civilização, sociabilidade e satisfação dos direitos políticos e jurídicos propostos pela Revolução Francesa. Pelo contrário, o niilismo alemão propugnava a anulação das individualidades em nome da coletividade. Assim teria nascido um “amor autodestrutivo, um ódio a si mesmo”.

Outro elemento indicado por Claudine, para a ascensão do nazismo, é a queda de status da classe média alemã após a 1ª Guerra Mundial. Citando Erich Fromm, a pesquisadora assinala que, com a diminuição de status, ocorreu o ódio em relação ao grupo social, no caso os judeus, que pelo contrário estava ascendendo na hierarquia social – um mecanismo que hoje pode ser comparado ao ódio a estrangeiros em vários países, em particular na Europa.

Em reação à perda de status e de poder, os indivíduos passaram, na Alemanha nazista, a “aceitar a sua insignificância pessoal”, derivada do niilismo, para que pudessem participar “de uma força superior e portanto gloriosa”. Com a anulação das individualidades, nota Claudine Haroche, e citando Hanna Arendt, “todos os seres humanos se tornam supérfluos”. O caminho para o genocídio estava aberto, fruto também da “incapacidade de pensar”, que igualmente leva à submissão absoluta à autoridade.

Em suma, o desprezo por si mesmo e a concomitante mitificação da coletividade, levando à “fabricação de uma identidade grandiosa”, parecem estar na origem de indivíduos inferiorizados”, parecem estar na origem dos vários totalitarismos, do qual o nazismo foi o exemplo mais cruel. A valorização do indivíduo, o respeito a seus mais íntimos sentimentos, seria por este raciocínio um poderoso antídoto para as sociedades democráticas evitarem a tentação do totalitarismo e de suas mais nefastas degenerações.



O Brasil e o seu baú

Neste painel, a construção da identidade brasileira, eterno objeto de estudo dos nossos intelectuais, é cercada de ódios vários

Realizado no momento em que são lembrados os 500 anos de chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, o Colóquio Internacional Memórias e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível não poderia deixar de ser um espaço para reflexões sobre vários momentos e episódios relacionados à construção da identidade brasileira e, também, sobre as próprias interpretações que os intelectuais têm elaborado sobre essa identidade. Não estariam essas interpretações também marcadas por manifestações de ressentimento? Este foi o tom da conferência "Construindo identidades entre sentimentos controversos: Brasil século XX", de Maria Stella Bresciani, professora do IFCH-Unicamp e uma das coordenadoras do encontro. A conferência fez parte do painel "Historiografia e transdisciplinaridade: abordagens e questões metodológicas", o último do Colóquio e que foi coordenado por Claudine Haroche (CNRS).

A reflexão de Maria Stella Bresciani partiu de uma frase do brasilianista Thomas Skidmore, que na sua avaliação adquire uma dimensão especial no momento em que os 500 anos do Brasil têm servido de tema para inúmeros textos, livros e artigos. Diz Skidmore, em artigo de 1994: "Há mais de um século intelectuais brasileiros agonizam sobre a identidade nacional de seu país".

Na avaliação de Skidmore, comentada pela professora da Unicamp, a razão do fracasso da interpretação sobre a identidade brasileira estaria "na incapacidade intelectual da elite pensante do país, aprisionada no círculo vicioso da busca de uma origem mítica fundada nas três raças – oscilando entre a inferioridade mestiça do povo, para autores de finais do século XIX e primeiras décadas do XX, e a representação otimista de uma democracia racial a partir de Gilberto Freyre – e na recusa de relacionar nossa identidade com a imensa distância separando as classes sociais, ou então, como (Skidmore) sugere, no final do artigo, com a questão de gênero".

Maria Stella indica, então, alguns dos momentos em que ficou mais evidente a preocupação da intelectualidade brasileira com a busca de uma identidade nacional, como nas décadas subseqüentes à Independência em 1822, quando a exigência de representação simbólica da nova realidade política frente à ex-metrópole levou por exemplo à criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Novos estímulos para a busca da identidade brasileira, segundo a historiadora, foram gerados, entre o final do século XIX e início do XX, no cenário da "onda política dos nacionalismos, formada no confronto com a Internacional proletária e a rivalidade sem tréguas entre os países europeus, aí incluídos os novos avanços colonizadores".

A especialista do IFCH indaga-se se a persistência dessa busca de uma identidade nacional não estaria "fechada num círculo vicioso formado pela forma como se buscou e se busca configurar essa identidade". Ou seja, a chave para o entendimento da persistente afirmação do inacabamento da nação e da nacionalidade não estaria, nesse sentido, na forma como foi feita a "escolha de um dado procedimento de retorno às origens, no qual a condição tropical do território e as características do povo colonizador nos fariam surpreender exatamente lá um mau começo que teria se colado a nosso destino e nos traria aprisionados"?

Para Maria Stella, as diversas interpretações sobre a identidade brasileira têm sido, de fato, marcadas por lugares comuns que, de alguma forma, sempre apontam para esse "mau começo", no qual estaria "colado a nosso destino e nos traria aprisionados". Um desses lugares comuns, salienta, é a "determinação do meio sobre o homem". No caso, tratar-se-ia de um meio adverso, marcado sobretudo pela presença da floresta tropical inóspita.

Outros lugares comuns seriam "as características das raças formadoras e a persistente alienação de nós mesmos". A historiadora acredita que o quadro pessimista desenhado sobre a base desses três lugares comuns "compõe no conjunto uma avaliação carregada de sentimento negativo em relação ao colonizador, que a despeito da não intencionalidade, nem isso nele há, trouxera consigo e deixara-nos como herança o pecado de origem que carregamos, eternamente ressentidos".

Mas, pergunta Maria Stella Bresciani, poderiam os interpretadores do Brasil ter evitado as amarras em que se encontram quando estão refletindo sobre o país sem deixar se envolver pela poderosa persuasão emanada "das imagens da evidente diversidade geográfica e climática?" E mais, como esses interpretadores poderiam evitar a armadilha "sem abandonar a noção de origem ou de raízes, concepção telúrica de inspiração romântica, carregando em si ainda a disputa entre a universalizante idéia de civilização e a particularizante idéia de cultura?" A armadilha interpretativa, completa Maria Stella, é marcada ainda pela união das concepções mesológicas "às teorias estéticas e éticas setecentistas persistentes, mesmo que de forma subliminar, nos textos nossos contemporâneos".

Sem a ruptura com essas concepções, acredita a especialista, restou aos interpretadores, de fato, a volta recorrente aos começos, "a eterna perseguição ao pecado original em narrativas permeadas de forte apelo emocional cujo traço mais marcante é sem dúvida o ressentimento".

Insustentável leveza – No mesmo painel de encerramento, Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha, falou sobre "A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista".

Ele retomou a discussão sobre a influência do ressentimento na interpretação sobre a identidade nacional, à luz do conceito que assume na modernidade. Disse Roberto, abrindo sua reflexão: "Enquanto sentimento (problemático) da modernidade, assim como o recorta e refunda Nietzsche na *Genealogia da moral*, o ressentimento talvez proporcione um questio-

namento original e originário sobre a própria modernidade, arrastando consigo inquietações profundas e em nada pacíficas que nos parecem até de algum modo aporias: será que o ressentimento como sentimento do dominado é próprio de uma determinada fase da condição colonial ou do processo de superação dessa condição? E de que modo a passagem da colônia para a nação e a construção simbólica e ideológica da nacionalidade precisam do ressentimento para forjar um seu próprio repertório auto-representativo de signos e imagens, em particular históricos, fundados sobre a diferença ou uma pseudodiferença? E se assim for, o ressentimento de que estamos falando é, no fundo, a metáfora de uma condição psicológica ou, pelo contrário, possui o potencial de ferramenta crítica transdisciplinar, ainda que por um viés metafórico?"

Para o professor da Universidade de Bolonha, uma obra em particular resume o esforço, evidente na década de 1930 e por entre os "meandros da modernidade brasileira", por se encontrar "uma metáfora condizente de nação". Trata-se, na avaliação do conferencista, do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Comenta Robert Vecchi sobre a obra: "Livro fundamentalmente de metáforas, texto fundador, pela idéia seminal de formação que define e aprofunda, da tradição crítica fundamental do século encerrado, *Raízes* é um marco divisório que se recorta justamente a partir da confluência das duas tradições, a da modernidade precoce e a do Modernismo, que tiveram um posicionamento próprio no que diz respeito ao recurso ao ressentimento na formação de estéticas e sensibilidades sentidas como modernas".

O conferencista entende que Sérgio Buarque de Holanda encontra na metáfora "o melhor instrumento para dissecar o processo de colonização do Brasil desde as origens, reconstruir a má formação do País e portanto compreender a forma do presente, a pertinácia de um resíduo duro do passado no presente que torna até irônicas as duas fórmulas paratextuais-metafóricas com que intitula os dois últimos capítulos do livro *Novos Tempos e Nossa Revolução*".

O livro de Sérgio, sustenta Vecchi, é de "uma violência inexorável na representação do passado que não passa das elites cordiais que obstaculizam na modernidade a formação do espaço público, mas, apesar disso, não há nele rastro de ressentimento nem histórico, nem estético".

Em *Raízes*, acrescenta, a fratura com o lado ressentido modernista "se dá pela crítica metafórica a uma narração nacional (portanto uma metáfora) que sacraliza o nexos com a modernidade e a moderniza-

Maria Stella: elite é incapaz de relacionar nossa identidade com a distância entre classes sociais



IDÉIAS
IDÉIAS

de ressentimentos



Marion:
"O mito
do país
sem
morte"

ção: a revolução técnica não necessariamente produz modernidade mas poderia contribuir também com uma expressão oximórica querida de Euclides da Cunha, a construir ruínas". No livro de Sérgio, enfim, "a permanência do arcaico no âmago dessa modernidade sub espécie da cordialidade desvenda o passado que não passa, o passado no presente, a desordem na ordem, o arcaico no moderno".

A outra conferência do último painel do Colóquio Internacional foi a de David Konstan, da Brown University. Ele falou sobre *Resentment: The History of an Emotion*.

Natureza e civilização – Ao longo do Colóquio, foram discutidos vários momentos do processo de busca de formação da identidade nacional. Muitos desses momentos, na linha apontada por Maria Stella Bresciani, são pontuados de fato por manifestações de ressentimento. As exposições dos conferencistas também refletiram sobre as diferentes maneiras pelas quais o estudioso pode abordar a história, a partir de elementos como discursos políticos, relatórios de viagem e a produção literária.

Foi o caso do painel "(Res)sentimentos e construção de identidades históricas", coordenado na tarde de 31 de maio por Carlos R. Galvão Sobrinho, do IFCH-Unicamp. No painel, em "Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX", Márcia Regina Capelari Naxara, da Unimep, sustentou que a intenção "de inserir a nossa história na tradição e desenrolar da história ocidental solicitava a elaboração e o reconhecimento de uma identidade, cuja construção remetia ao passado e à

origem, pela necessidade de narrar e estabelecer vínculos, tanto com o passado colonial, a metrópole portuguesa, ponte para a civilização, com o qual se procurou de alguma forma conciliar (seja pensando a continuidade ou a ruptura), como às origens raciais, ou multirraciais, que também se procurou compreender e explicar para, através do conhecimento, dominar e adquirir segurança no projetar o futuro".

Para Márcia Regina, alguns elementos foram particularmente importantes na análise para a apreensão intelectual do Brasil e a construção da narrativa de sua história. Esses elementos, acredita, estão "sempre vinculados à aproximação ou distanciamento da natureza ou da civilização: a natureza em geral; a natureza humana em particular; a relação do homem com a natureza; a dos homens entre si, em meio à natureza".

A importância da natureza e do relacionamento do ser humano com essa natureza, para a interpretação e construção da identidade brasileira, sofre, para a especialista, a influência do espírito da época, na virada dos séculos XVIII e XIX. Ela cita a respeito Keith Thomas, que data da proximidade do ano 1800 como o momento em que "o mundo não podia mais ser visto como feito somente para o homem, e as rígidas barreiras entre a humanidade e outras formas de vida haviam sido bastante afrouxadas".

Uma poderosa influência, em particular, nas formas de avaliação do relacionamento do ser humano com a natureza foi exercida, nota Márcia Regina Naxara, pelas teorias de Charles Darwin, reunidas em *A Origem das Espécies*, de 1859. Essa obra, entende, "contribuiu para, mais uma vez, promover alteração radical da posição do homem no Universo, na medida em que deixou de existir qualquer razão para se pensar uma 'criação especial para o homem', que passou a compartilhar sua ancestralidade com os animais".

Como fruto da revolução na forma de sentir o relacionamento com a natureza, os trópicos, por exemplo, foram adquirindo significados míticos e simbólicos. É o caso, para a professora da Unimep, do Prêmbulo de 1907 de Euclides da Cunha para a obra *O Inferno Verde*, de Alberto Rangel. Diz a historiadora: "Referindo-se especificamente à Amazônia, Euclides nos dá conta da impossibilidade de conhecimento da floresta tropical, da sua magia e magnificência, do assombro que provoca, mesclando temor e curiosidade".

Ao lado da natureza, assinala Márcia Regina Naxara, influiu para a interpretação do Brasil a questão racial, em especial ao longo do século XIX, quando houve "uma procura do homogêneo na heterogeneidade aparente". Data desse século a maioria das teorias que condenavam o mestiçamento do povo brasileiro, nascendo daí a indicação do País como uma "Terra com uma população que se constituiu mestiça e cruzada, carregando os estigmas daí decorrentes, frente ao conhecimento e sua divulgação, às representações e ao imaginário do mundo ocidental".

O século XIX brasileiro, portanto, acrescenta a especialista, teve como tônica a(s) tentativa(s) de construção e visualização da nação: "Construção ética e estética, fundamentalmente política, que precisava ir além da questão material, ligada ao progresso da produção e ao crescimento econômico, mas que esbarrava na sua própria constituição, no conhecimento da história do país e de seu povo (impossível pensar uma nação com identidade própria sem pensar nas origens e no povo que a forma, enfim, na sua história e seus mitos fundadores). O Brasil sendo visto e se vendo como um País sem povo, ou um povo ao qual faltava a identidade para constituir e formar uma nação moderna".

A presença da natureza continua sendo ostensiva

mesmo no século XX, como na obra de Alfred Döblin, o escritor judeu-alemão que fugiu dos horrores do nazismo e passou por vários países. Ele foi o tema, no mesmo painel, de "Literatura e engajamento: Alfred Döblin", conferência de Marion Brepohl de Magalhães, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Sem conhecer o Brasil, Döblin escreveu a trilogia *Amazonas*, composta por *Viagem ao País sem Morte*, *O Tigre Azul* (escritos entre 1935 e 1937) e *Nova Floresta* (escrito em 1947). No primeiro livro, salienta Marion, Döblin "descreve o mundo dos índios e o mito do País sem morte; segundo tal lenda, trata-se de uma terra paradisíaca que só é alcançada após a morte. Ele se ocupa ainda das amazonas, da civilização inca e dos costumes e crenças indígenas. Quando neste mundo os três primeiros brancos chegam, inicia-se o processo de devastação".

No segundo livro, *Tigre Azul*, que "segundo a lenda significa um espírito mal que tudo destrói", Döblin trata das reduções jesuíticas. "Nestas, toda a riqueza é dividida eqüitativamente. Sua prosperidade é inclusive maior do que aquelas onde os índios era utilizados como mão-de-obra escrava".

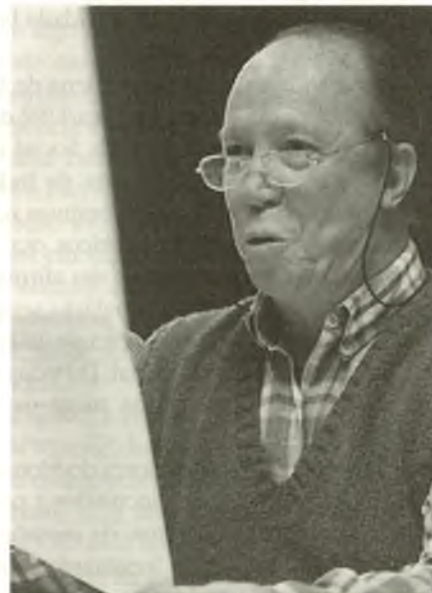
Os dois livros, lembra Marion, foram redigidos no momento em que organizações como a "Liga para a Colonização judaica" procuravam criar um território para o povo judeu fora da Europa. O Brasil amazônico aparece, assim, em Döblin, como um lugar mítico, possível para a concretização da utopia judaica.

Já o terceiro livro da trilogia, *A Nova Floresta*, tem outra estrutura. Diz Marion: "A alegorização da floresta é outra. A nova floresta não é mais a amazônica, mas a Alemanha nazista, espaço para onde se desloca a representação da ação. A dimensão episódica dos fatos é abandonada em favor de temporalidades difusas. Além disso, à diferença dos dois primeiros livros, Döblin não trabalha com sujeitos coletivos: seus personagens são indivíduos atomizados, com trajetórias de vida desorientadas, e mesmo os vínculos interpessoais são efêmeros e desprovidos, com exceção das mulheres, de vínculo afetivo".

Logo na primeira cena é estabelecida, segundo a conferencista, a analogia entre a *velha* e a *nova* floresta, entre os conquistadores do século XVI e os dominadores contemporâneos. Os nacional-socialistas, claro, são os "novos conquistadores". Esse trecho do livro de Döblin é um resumo dessa nova invasão: "O que antigamente se fazia com cães farejadores e armas de fogo contra os nativos nus armados apenas de arco e flecha, fazem hoje os discursos, o jornal, o rádio, a polícia, a prisão. Confundem-se os pensamentos das pessoas, até que as idéias se desorientem por



Márcia:
Amazônia
vista com
assombro
por
Euclides



Decca:
precariedade
na
representação

Memória

“Todos têm direito à memória”, diz-se. Mas reflete-se necessariamente sobre ela? Esta foi uma das instigantes questões discutidas no Colóquio.

As relações entre memória e história também foram discutidas com profundidade no Colóquio Internacional “Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível”. Este foi o assunto central do painel “Memória e História: uma questão atual?”, coordenado por Lara Lis Carvalho Souza, da Unesp, na tarde de 29 de maio.

No painel, os “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais” foram discutidos por Jacy Alves de Seixas, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Para ela, “a crescente revalorização da memória no interior da historiografia, o acúmulo de *falas de memória*, sua operacionalização cada vez mais eficaz, o *direito* e o *dever* de memória, reivindicado por inúmeros grupos sociais e políticos, convivem com um movimento inverso, que aponta para um descaso ou fragilidade teórica realmente instigantes; fenômeno que Pierre Vidal Naquet designou como ‘uma espécie de vergonha da memória’ por parte dos historiadores que, de ‘alguma maneira, esforçam-se para apagá-la como tal’. Em uma palavra – acrescenta Jacy –, muito se fala e se pratica a ‘memória’ histórica – o *boom* atual da história oral e das biografias e autobiografias é, nesse sentido, bastante expressivo – mas pouquíssimo se reflete sobre ela”.

Uma das ponderações da professora da UFU é que “os discursos e as manifestações poderosas da memória se colocariam atualmente a história como uma ‘palavra de oráculo’, cumprindo funções que até recentemente (década de 60, provavelmente...) as utopias históricas preenchiam. Assim, o sonhar coletivo e individual, sem o qual não há ação possível, o lançar-se coletivamente em direção a um futuro representado como ‘melhor’, investir-se-iam não mais nas utopias históricas, mas valer-se-iam da memória para projetar-se e atar passado e futuro”.

Jacy Alves de Seixas entende que, “apenas considerando a função prospectiva e projetiva da memória (ressaltada tanto por Bergson como por Proust), portadora a um só tempo de passado e de futuro, que podemos estabelecer este vínculo instigante com a utopia e com a história. Pois a memória – conclui – compartilha com a utopia de certos predicados distinguidores: a dimensão do tempo futuro, a designação de *lugares*. Este último, precisamente, aponta para a expressão hoje dominante para se designar o contato memória/história, os estudos históricos da memória, os *lugares de memória*”.

No mesmo painel, “Memória, História, Testemunho” foi precisamente o tema da conferência de Jeanne Marie Gagnebin, da PUC-São Paulo e do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Ela reflete, a partir de textos de Walter Benjamin, sobre “o fim da narração tradicional”, que seria decorrente da perda da experiência.

As razões da dupla perda – da experiência e das formas tradicionais de narrativa – estariam em fatores históricos que, segundo Benjamin e nas palavras de Jeanne Marie, “culminaram com as atrocidades da Grande Guerra – hoje sabemos que a Primeira Guerra somente foi o começo deste processo. Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por que? Porque aquilo que vivenciaram não podia ser mais assimilado por palavras”.

Para a professora do IEL-Unicamp, neste diagnóstico Benjamin “reúne reflexões oriundas de duas proveniências: uma reflexão sobre o de-



Study after Velázquez's Portrait of Pope Innocent X, Francis Bacon, 1963

envolvimento das forças produtivas e da técnica, em particular sua aceleração ao serviço da organização capitalista da sociedade, e uma reflexão convergente sobre a memória traumática, sobre a experiência do choque (conceito-chave das análises benjaminianas da lírica de Baudelaire), portanto, sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional de assimilar o choque, o trauma, diz Freud na mesma época, porque este, por definição, fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem”. Este seria o sentido do texto de Benjamin “Experiência e Pobreza”.

Em contrapartida, em outro texto, “O Narrador”, Benjamin apontaria as possibilidades de construção de outra forma de narração. Para Benjamin, diz Jeanne Marie, “o narrador também seria a figura do trapeiro, do Lumpensammler ou do chiffonier (alusão ao poema Flores do Mal, de Baudelaire), do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder (Benjamin introduz aqui o conceito teológico de apokatastasis, de recoleção de todas as almas no Paraíso)”.

Este narrador sucateiro, continua a conferencista, não

Jeanne Marie:
em Benjamin,
narrador é
catador de cacos



Izabel Marson:
a revolução
como fenômeno
da adolescência
do País

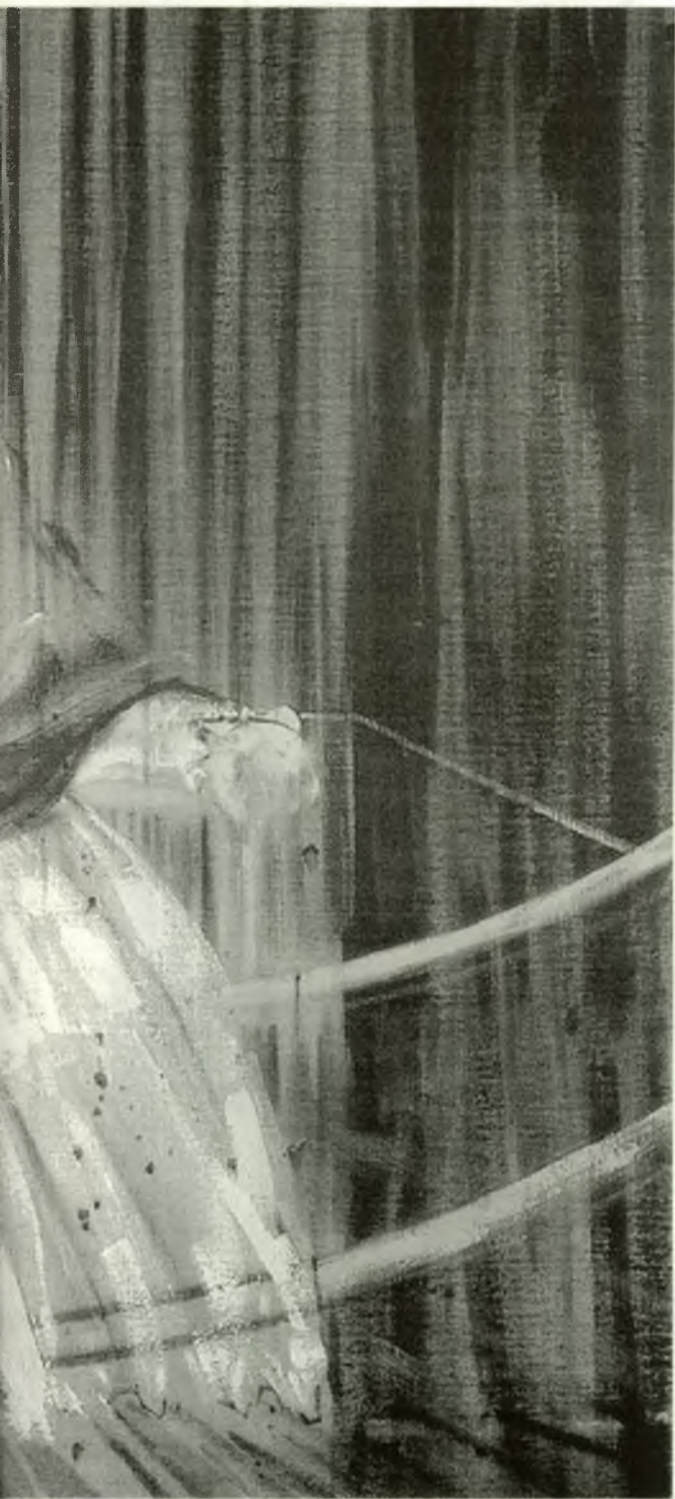


Francisco Murari:
narrador
histórico de
Tucídides



IDÉIAS
IDÉIAS

e História



concentração (que Benjamin, aliás, não conheceu graças ao seu suicídio). Em segundo lugar, aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste, aqueles que desapareceram por tão completo que ninguém se lembra de seu nome. Ou ainda: o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Esta tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, em uma fidelidade ao passado e aos mortos mesmo – principalmente –, quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido”.

Memória e esquecimento – A relação memória-história foi retomada no painel “História, memória e esquecimento”, coordenado por Jacy Seixas (da Universidade Federal de Uberlândia), na tarde de 30 de maio. O tema foi abordado em “Tucídides: a Retórica do Método, a Figura de Autoridade e os Desvios da Memória”, por Francisco Murari Pires, da História/USP. As observações do conferencista foram feitas basicamente a partir do clássico de Tucídides, “A Guerra dos Peloponésios e Atenienses”.

Ele sustenta que a história tucídideana, “enquanto ciência humana, privilegia, assim aludida metaforicamente, uma epistemologia que fundamenta sua virtuosidade cognitiva pelo primado informativo da percepção direta, especialmente visual, dos acontecimentos. Conseqüentemente, o historiador ordenou a heurística de sua informação observadora dos fatos consagrando o princípio da *autópsia* como condição: ou ele mesmo os presenciara ou acolhera relatos por quem os presenciara”.

Para Francisco Murari Pires, “diversamente de Heródoto, a narrativa historiográfica tucídideana não faz aflorar a dialética de suas fontes informativas, e tampouco revela os procedimentos de sua metodologia crítica porque derivou a reconstituição dos fatos consagrados na redação de sua história”. O discurso narrativo tucídideano, acrescenta, é “predominantemente, senão avassaladoramente, composto por impressões de apenas resultados fatuais, quaisquer que sejam as identificações dos informantes e quaisquer que sejam as operações analíticas de uma sua suposta crítica averiguadora de veracidade”.

No mesmo painel, Italo Arnaldo Tronca, da História-Unicamp, discutiu sobre “Foucault, a doença e a linguagem delirante da memória”. Ele reflete sobre como a alegoria aparece na literatura sobre a lepra a partir do século XIX e sobre a Aids hoje. Afirma Italo Tronca: “Identifico nas narrativas literárias e científicas pelo menos três temas que organizam as representações em torno da lepra e da Aids – a raça, a geografia e a sexualidade. Tais temas, por sua vez, surgem articulados com alguns dos elementos que in-

tegram a estrutura alegórica. Tanto os temas quanto os elementos alegóricos, como o pitoresco e o sublime, nunca aparecem em estado ‘puro’. Existe uma constante interpenetração entre eles, ora predominando um, ora outro, valendo mais sob esse aspecto a sensibilidade e a intuição do leitor do que rígidos esquemas teóricos. A observação se aplica a todas as narrativas alegóricas quer sejam literárias ou científicas”.

No mesmo painel, a conferência “Conciliação e esquecimento: Nabuco e a revolução” foi apresentada por Izabel Andrade Marson, do Departamento de História da Unicamp. Salienta a conferencista que os textos que hegemonicamente informaram os historiadores do século XX sobre a revolução no Império são as obras de Joaquim Nabuco “Um Estadista do Império” e “O Abolicionismo”. Nestes livros, entende Izabel Marson, Nabuco delimitou “um perfil exclusivo e uma memória para a revolução”.

A historiadora considera que um princípio central fundamentou a concepção de revolução apontada por Nabuco nessas obras e acabou orientando os seus procedimentos tanto como político quanto como historiador. É o princípio da “conciliação”, que pode ser resumido na expressão “poupar os submissos e debelar os soberbos”.

Sobretudo em “Um Estadista do Império”, biografia do seu pai, o ministro, senador e conselheiro José Thomaz Nabuco de Araújo, Joaquim Nabuco “retomou o passado para destacar a importância do regime monárquico parlamentar para a emergência da nação, para o exercício e confecção do autêntico liberalismo”. Para ele, sustenta a professora da Unicamp, “a república de inspiração girondina ou jacobina, sinônimo de revoluções, anarquia, despotismo e risco à integridade do império, constituía a negação da obra monárquica, e já tivera, sem sucesso, a sua chance histórica”.

Em sua avaliação sobre as revoluções jacobinas ocorridas no Império, Joaquim Nabuco atribuiu as causas desses movimentos à “herança dos monopólios do Antigo Regime, o feudalismo, os *latifúndia*, a servidão”. Teria sido o caso em particular da chamada Revolução Praieira, fruto de uma intrincada gama de motivações, dentre as quais o feudalismo vigente em Pernambuco.

Para Nabuco, no entender de Izabel Marson, as revoluções seriam fenômenos típicos da adolescência do país, além de um testemunho da imaturidade de uma nação não constituída. “Nela ainda imperavam relações feudais, herança da escravidão, traço denotativo de seu descompasso com os regimes europeus já integrados à civilização, cujo exemplo maior era a monarquia constitucional inglesa”, sublinha. Tais revoluções, para Nabuco, “poderiam ter sido evitadas se a nação, superando as práticas fundadas nos instintos, tivesse sido conduzida todo o tempo por estadistas sábios e experientes, a exemplo do Imperador D. Pedro I e daqueles que haviam atuado no primeiro e segundo reinados: Caxias, Honório Hermeto, Eusébio de Queiroz, o visconde do Rio Branco ou mesmo o senador Nabuco de Araújo”.

Conclui a professora da Unicamp: “Ao identificar as revoluções jacobinas com a menoridade do império e valorizar as *revoluções sociais pacíficas* implementadas pela via parlamentar pelos grandes estadistas, Nabuco não apenas flagrou o descompasso da história do país com a da Europa, mas, também, substituindo a independência (a 7 de setembro de 1822) e o 7 de abril, tornou a abolição da escravidão o grande marco sinalizador do início da maioridade da nação”.

tem por alvo recolher os grandes feitos: “Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer. O que são esses elementos de sobra do discurso histórico? A resposta de Benjamin é dupla. Em primeiro lugar, o sofrimento, o sofrimento indizível quer a Segunda Guerra deva levar ao seu cume na crueldade dos campos de



Jacy: o direito e o dever da memória



Tronca: alegorias na literatura, da Lepra à Aids

ESPELHO, ESPELHO

Novo ambulatório trata de anorexia e bulimia nervosas, doenças daqueles

LUIZ SUGIMOTO

Lá se vão muitos quilos desde Rita Rayworth e Marilyn Monroe, para nostalgia e preocupação dos pais das meninas de hoje, filhas que substituíram no espelho aquelas deusas carnudas pelas modelos ossiformes que agora brilham nas passarelas. Nesses tempos em que o magro virou belo, jovens, adolescentes e mesmo crianças mostram-se obcecadas por perder peso. Deixam de alimentar-se e lixam-se para a saúde, submetendo o corpo a conseqüências que podem começar com fraqueza e tontura, passar por espasmos musculares e distúrbios cerebrais, até chegar ao extremo da morte por arritmia cardíaca.

A anorexia nervosa e a bulimia nervosa são definidas como transtornos alimentares. A primeira, antes considerada doença rara, já atinge de 0,5% a 1% da população jovem; a segunda, de 1% a 2% desta mesma faixa etária. Os pacientes são mulheres na proporção de 10 por 1. Embora esta incidência indique o fator estético como principal motivador, não se deve desconsiderar os fatores orgânico e psicológico. Em geral, todos esses fatores agem em conjunto como predispositores, precipitadores e perpetuadores dos transtornos alimentares.

O primeiro critério diagnóstico para anorexia nervosa é o peso, 15% abaixo do normal em relação a idade e altura. A pessoa tem medo intenso de engordar e, mesmo muito magra, acha que continua gorda; implica com partes do corpo, como quadril e abdômen; mulheres apresentam quadro de amenorréia (ausência de menstruação). Há dois subtipos de anorexia nervosa: a restritiva, em que o paciente come cada vez menos, diminuindo inclusive a ingestão de água; e a compulsão periódica/purgativa, quando, além de restringir sua alimentação, o doente envolve-se regularmente em um comportamento de comer compulsivamente ou de purgação (auto-indução de vômitos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas).

A bulimia nervosa difere da anorexia no peso do paciente - que em bulímicos é normal ou um pouco acima da média. Seu maior sintoma é a compulsão alimentar. A pessoa ingere grande quantidade de comida em período muito curto, sequer sentindo o sabor, e prefere alimentos bastante calóricos e fáceis de engolir, como doces. Geralmente, come às escondidas, sofre com sua falta de controle e acha que não será feliz enquanto não estiver magra. Para aliviar a culpa faz uso de métodos purgativos - laxantes, diuréticos, vômitos - e esmera-se em exercícios físicos exagerados, durante várias horas por dia.

Um terceiro tipo de transtorno alimentar, o do comer compulsivo, foi incluído recentemente na literatura médica. Atinge aqueles que demonstram a mesma compulsão, mas nada fazem para compensá-la, sendo por isso freqüentemente obesos.

Ambulatório - O Ambulatório de Transtornos Alimentares da Unicamp está funcionando desde feve-



Daphne e Maria Marta: doentes fazem segredo



O corpo que sofre

O Estudo de Minnesota, realizado na década de 60, possibilitou que convocados para a Guerra do Vietnã optassem por se sujeitar a pesquisas científicas, ao invés de serem enviados ao front. Homens físicos e mentalmente saudáveis tiveram a alimentação restringida em 50%, avaliando-se então as reações. No aspecto emocional, eles ficaram deprimidos, com ataques de irritação e ansiedade, além de apresentarem dificuldades de concentração, compreensão e julgamento. Fisicamente, reclamaram de desconforto gastrointestinal, insônia, dor de cabeça, hipersensibilidade a ruídos, alteração visual e queda de cabelo. Em relação à sociabilidade, isolaram-se e demonstraram menos interesse sexual.

Os sintomas acima são praticamente os mesmos da anorexia nervosa, mostrando que a grande maioria das reações observadas nesta patologia é conseqüência da desnutrição. O tra-

tamento dos transtornos alimentares baseia-se numa perspectiva multidisciplinar - médico, psicólogo e nutricionista. Os resultados a longo prazo (30 anos) dividem-se em dois pólos distintos, quase sem meio termo: a cura ou a evolução para a morte. Quem alcança a cura necessita sempre de acompanhamento, a exemplo dos alcoólatras e drogaditos, pois há risco de recaída. A mortalidade pode chegar a 20% dos casos.

Os detalhes sobre complicações resultantes dos transtornos alimentares, fornecidos por Daphne Marussi, são assustadores. Quem se recusa a comer sofre os efeitos da própria desnutrição (cansaço, fraqueza, queda de cabelo), vindo depois as cólicas e problemas psicológicos, e muito freqüentemente a arritmia, que por ser imperceptível significa risco de morte súbita.

As conseqüências são mais graves nas

pessoas que purgam. O excesso de vômito leva ao aumento da acidez gástrica, evoluindo para gastrite ou úlcera; estando o esôfago despreparado para receber tanto ácido, pode haver esofagites, erosões de boca e perda de dentes. Com o tempo, as glândulas parótidas incham, alterando o formato do rosto, o que é um agravante emocional para quem se preocupa tanto com a aparência.

O uso de laxantes também não resolve. Eles alteram somente a quantidade de água no organismo, o que não traz perda de calorías; para impedir a absorção de alimentos precisariam agir no intestino delgado, não no intestino grosso. Daphne discorre ainda sobre perda de sódio, potássio e cloreto, constipação intestinal, alteração do rim, alterações cerebrais, espasmos musculares e, no caso da bulimia, sobre dilatação do estômago, com possível ruptura do órgão durante uma compulsão alimentar.



MEU

que cultuam a magreza em busca de uma beleza que ninguém vê

reio deste ano, no Hospital das Clínicas. O atendimento é feito por uma equipe multidisciplinar formada por Daphne Marussi e Maria Marta de Magalhães Battistoni, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM, e pela nutricionista Daniela Oliveira Magro, havendo a colaboração de médicos e pediatras do HC para tratamentos orgânicos.

Por enquanto, o Ambulatório assiste somente oito casos, mas Daphne Marussi afirma que a demanda é muito maior, mesmo se limitada à comunidade universitária. "Dificilmente a pessoa admite que sofre de transtorno alimentar. Em geral, sente-se envergo-

nhada e é capaz de esconder a doença por longos períodos. Acaba procurando ajuda médica por pressão de familiares e amigos, quando o quadro está avançado, com perda importante de peso ou compulsões e purgações diárias. Nosso objetivo é identificar a doença e iniciar o tratamento o mais precocemente possível, o que melhora muito o prognóstico desses pacientes".

O aumento na incidência a partir dos anos 70, quando começou-se a exigir um corpo magro, mostra o peso dos padrões estéticos ditados pela mídia. Pesam ainda as exigências da profissão, já que transtornos são comuns não apenas em modelos, mas também em jôqueis e bailarinas, por exemplo. Outra decorrência desta associação da magreza com beleza, sucesso e felicidade, são os exercícios exagerados para controlar o peso, aos quais a mulher é mais induzida, enquanto o homem os utiliza no contexto esportivo.

A família – A questão cultural pesa muito, mas não é a única causa. O registro das doenças em populações orientais, onde esta preocupação estética é menor, denuncia também os fatores biológicos e psicológicos. Por isso, segundo Maria Marta Battistoni, a dinâmica da família é outro

aspecto a ser avaliado. "Em muitas famílias os papéis de pai, mãe e filho não são claros, o que dificulta a necessária diferenciação entre os membros. Aparentemente tudo pode estar bem porque não se toca em certos assuntos. Mas as angústias, os conflitos e as insatisfações pessoais não expressos por palavras às vezes se manifestam em uma 'soma-tização' – mecanismo inconsciente que faz o corpo adoecer devido a carências de ordem emocional. A anorexia e a bulimia podem ser compreendidos dessa forma e ser expressões de conflitos emocionais dentro do lar. Queremos atuar também nessas famílias, pois o problema pode estar mais nos pais do que na filha anoréctica".

Daphne Marussi informa que uma percentagem mínima da população jovem é naturalmente magra e que os demais não podem se comparar a esta minoria. Cada um tem seu peso determinado geneticamente. Se o peso determinado para a pessoa é 60 kg, o organismo trabalhará para que ele seja mantido: comendo um pouco mais, o metabolismo vai se acelerar, de forma a queimar mais energia; comendo menos, o metabolismo se tornará lento. "Ninguém conseguirá ficar abaixo do peso por muito tempo porque o organismo se defenderá contra isso. Por isso, às vezes, a anoréctica desenvolve comportamento bulímico, comendo compulsivamente. É uma forma de o organismo armazenar energia".

A equipe oferece acompanhamento psicológico individual ou grupal para os pacientes, já que, segundo Maria Marta, são evidentes e mesmo dramáticas as alterações que apresentam na auto-imagem, auto-estima, no lidar com os sentimentos e no inquietante comportamento autodestrutivo: "A pessoa pode estar magérrima, mas vê na dobra de pele mais uma gordurinha para queimar. Ela maltrata a si mesma, buscando uma beleza que ninguém mais está vendo".

Alface e muita água

Investigações sobre a dieta de uma doente com anorexia indicam que ela ingere, em média, entre 200 e 300 calorias por dia. De acordo com a nutricionista Daniela Oliveira Magro, uma mulher dentro dos padrões normais, com 60 quilos de peso e 1,60m de altura, necessita de 1.500 calorias/dia. Para conseguir o preenchimento gástrico, a anoréctica toma diariamente pelo menos cinco litros de água.

"Ela coloca uma folha de alface no prato, corta em pedaços bem pequenos e fica mastigando por muito tempo, intercalando as garfadas com água. Se juntar uma fatia de queijo, levará até duas horas para almoçar. É a forma que encontra para ingerir um volume bem pequeno de alimento", explica Daniela. "Em um mês, no máximo, já serão visíveis alterações como tontura e queda de cabelo".

A educação (ou reeducação) alimentar é a primeira preocupação da equipe do Ambulatório de Transtornos Alimentares. Os profissionais preci-

sam estabelecer uma relação de confiança com o paciente se quiserem obter algum sucesso. "Para quem sofre dessa doença, a comida é uma coisa muito complicada, da qual quer distância. É inútil impor dietas ou regras rígidas", acrescenta a nutricionista.

A princípio, o anoréctico recebe apenas o que gosta de comer, tendo sua dieta planejada e fracionada de forma a se alimentar várias vezes ao dia, em pequenas quantidades. Aos poucos, inclui-se a quantidade ideal de nutrientes. "Uma paciente ficou sem arroz e feijão por oito meses, comendo apenas queijo, pão, alface e melancia", lembra Daniela.

Os profissionais do HC também testemunham relações bizarras com a comida. Há quem colecione receitas, apesar da aversão a alimentos. Outros abrem e fecham a gaveta 15 vezes, imaginando queimar calorias. E muitos têm hábito de levar doces na bolsa, quando não escondem salgados no armário do quarto até que apodreçam.

Teste de atitudes alimentares

Responda às seguintes questões:

	Sempre	Muitas vezes	Às vezes	Poucas vezes	Quase nunca	Nunca
1-Fico apavorada(o) com a idéia de estar engordando.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2-Evito comer quando estou com fome.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3-Sinto-me preocupada(o) com os alimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4-Quando começo a comer demais, tenho a sensação de não ser capaz de parar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5-Corto os meus alimentos em pequenos pedaços.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6-Presto atenção à quantidade de calorias dos alimentos que eu como.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7-Evito, particularmente, os alimentos ricos em carboidratos (ex. pão, arroz, batatas, etc.).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8-Sinto que os outros gostariam que eu comesse mais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9-Vomito depois de comer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10-Sinto-me extremamente culpada(o) depois de comer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11-Preocupo-me com o desejo de ser mais magra(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12-Penso queimar calorias a mais quando me exercito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13-As pessoas me acham muito magra(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14-Preocupo-me com a idéia de haver gordura em meu corpo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15-Demoro mais tempo para fazer minhas refeições do que as outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16-Evito comer alimentos que contenham açúcar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17-Costumo comer alimentos dietéticos (para emagrecer).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18-Percebo que organizo minha vida pelos alimentos que como ou pelas refeições que faço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19-Demonstro auto-controle diante dos alimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20-Sinto que os outros me pressionam para comer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21-Passo muito tempo pensando em comer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22-Sinto-me mal após comer doces.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23-Faço regimes para emagrecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24-Gosto de sentir meu estômago vazio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25-Gosto de experimentar novos alimentos ricos em calorias (que parecem engordar).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26-Sinto vontade de vomitar após as refeições.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O questionário acima é usado na triagem de pacientes com transtornos alimentares.

As respostas, seguindo as colunas da esquerda para a direita, devem receber, respectivamente, as seguintes pontuações: 3, 2, 1, 0, 0, 0. A única questão que apresenta pontos em ordem inversa é a 25.

A literatura médica estipula que pode sofrer de algum transtorno alimentar a pessoa que superar o total de 20

pontos. Obviamente, qualquer diagnóstico só é fornecido após entrevista com o médico.

O interessado em procurar os serviços do Ambulatório de Transtornos Alimentares deve procurar o ambulatório da Psiquiatria, no Hospital das Clínicas, munido preferencialmente de encaminhamento médico.

O remédio pega condução

Estudo interdisciplinar explora estruturas que carregam medicamentos

RAQUEL C. SANTOS

A forma como os medicamentos trilham os caminhos que os levam às regiões do corpo que mais precisam deles são de extrema importância para as terapias. Um exemplo claro da importância desta “condução” são os lipossomas *stealth* (escondidos) — bolinhas microscópicas de gordura envoltas em polímeros hidrofílicos (que retêm água na sua estrutura). Tal fórmula — cujos nomes dos ingredientes podem parecer complexos — podem ser de extrema eficácia para “puxar” os medicamentos em direção aos tumores, quer seja pelo direcionamento promovido por anticorpos ligados quimicamente à superfície dos lipossomas, ou a partir da exposição a um campo eletromagnético externo, o que traz ótimas perspectivas para os pacientes que fazem uso de técnicas como a quimioterapia. Na Unicamp, nos últimos seis anos, pesquisas interdisciplinares envolvendo a Faculdade de Engenharia Química (FEQ), o Instituto de Química (IQ) e a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) deverão ter papel decisivo nas novas formas de administração de medicamentos no Brasil.

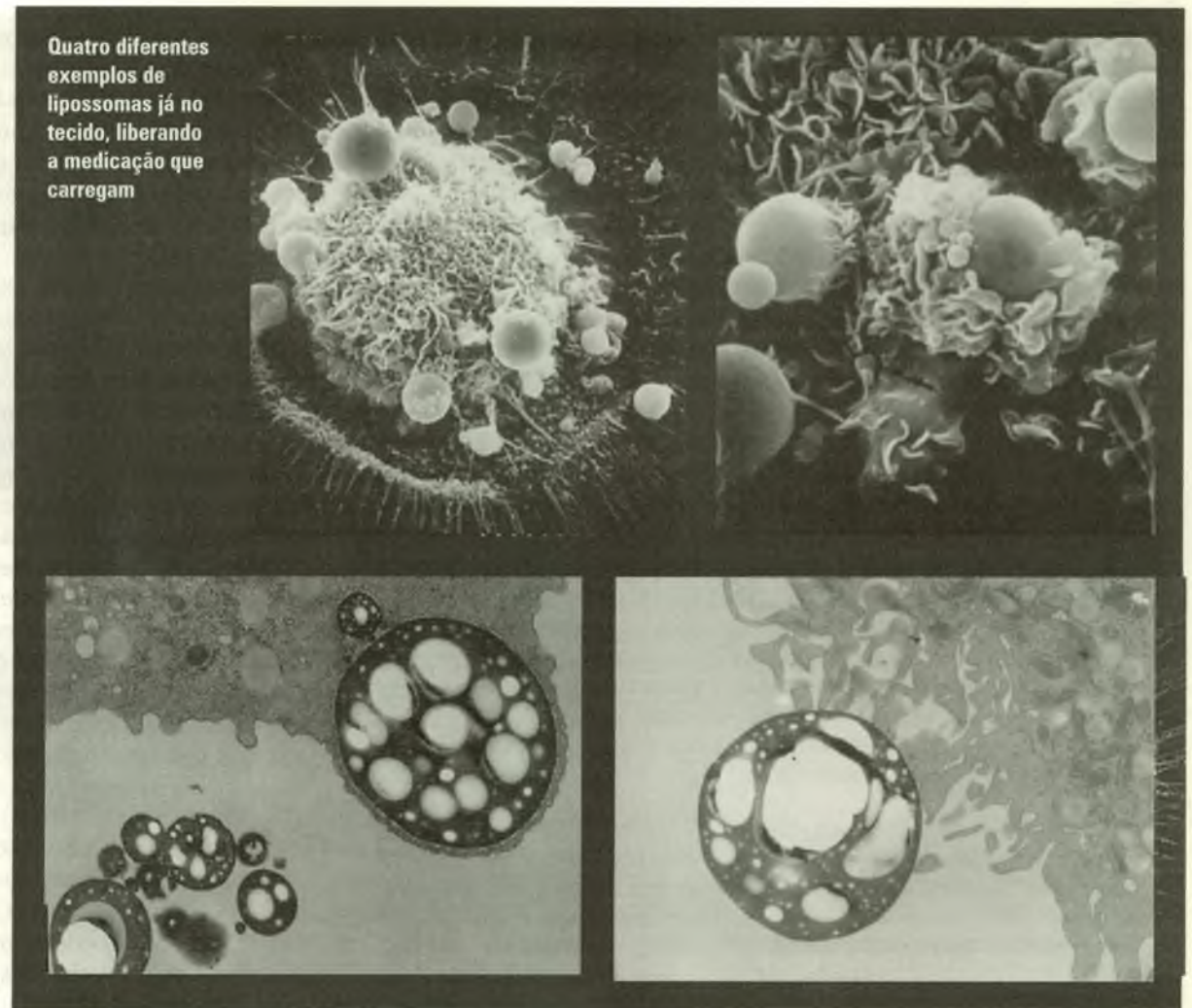


Equipe responsável pelo projeto

Os lipossomas têm uma grande vantagem, que é a semelhança com a membrana das células. Por isso, segundo a coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Processos Biotecnológicos, Maria Helena Andrade Santana, essas partículas interagem mais intimamente e com maior eficiência com as células e tecidos do organismo. “A compatibilidade e a habilidade de carregar substâncias solúveis ou insolúveis em água são as bases de seu uso”. Outro benefício é a possibilidade controlar a liberação gradativa dos medicamentos no organismo. Por se tratar de partículas minúsculas, da ordem de nanômetros (10^{-9} metros) ou micra (10^{-6} metros) a substância pode ser administrada nas formas oral, intravenosa, ocular ou pulmonar, ou dérmica. Atualmente, os lipossomas já têm sido utilizados com sucesso nos Estados Unidos e Europa na terapia de várias doenças. Na Unicamp, tem sido pesquisados para a terapia da tuberculose, doenças alérgicas e câncer.

Tuberculose — Doença que a cada ano registra 100 mil casos novos e assinala a marca de 4 mil a 5 mil mortes em doze meses no Brasil, a tuberculose pulmonar é uma enfermidade que necessita de longo tratamento. Em geral, o paciente deve tomar três tipos de drogas, semanalmente, num período de seis a nove meses. Daí os efeitos colaterais causados pelo tratamento representarem a maior dificuldade e a maior causa de abandono do tratamento pelo infectado. Em diversos casos, pode ocorrer, por exemplo, o comprometimento hepático e renal, sem contar o mal-estar, a baixa resistência e os enjoos constantes. A utilização de lipossomas na administração dos medicamentos seria “o vislumbrar de uma nova saída para um problema grave”, segundo a microbiologista. Maria Cecília Barrison Villares, do Departamento de Patologia Clínica da Faculdade de Ciências Médicas.

Uma das alternativas seria administrar as drogas a partir de inalação. “É uma forma rápida e menos incômoda do que tomar vários tipos de comprimidos num só dia”, explica Cecília. Como se trata de uma doença pulmonar, ela acredita que a eficácia aumentaria ainda mais, pois o medicamento iria direto ao pulmão. Isto não significa que outras formas de administração



não poderiam ser estudadas. O que se pode adiantar, comenta, é que os efeitos colaterais poderiam ser bastante minimizados e o abandono do tratamento seria reduzido. O desenvolvimento de lipossomas para administração de medicamentos para a tuberculose por via pulmonar, intravenosa e oral estão sendo desenvolvidos na FEQ sob a orientação das professoras Maria Helena Andrade Santana e Ângela Maria Moraes.

Alergias — Outra aplicação dos lipossomas seria na terapia de doenças alérgicas como asma, rinite e dermatite atópica (atópica quer dizer que ela é reativa a alérgenos ambientais, como ácaros e fungos). Neste caso, a estrutura seria utilizada para carregar este alérgeno para um determinado local, onde será liberado de forma controlada no organismo. O imunologista Ricardo Zollner, do Laboratório de Imunologia do Departamento de Clínica Médica da FCM explica que tal técnica traz como benefícios a diminuição da hiperreatividade dos pacientes ao alérgenos e o possível encurtamento de tempo do tratamento.

Zollner esclarece ainda que as etapas para alcançar os resultados esperados incluem o conhecimento do antígeno, o material a ser usado, a resposta desse alérgeno e o veículo de transporte da droga. O que está se estudando no Laboratório de Imunologia da FCM em conjunto é, justamente, a diminuição da resposta do alérgico, o que resultaria numa imunoterápico mais efetivo (a vacina) para as doenças alérgicas.

Os experimentos em laboratórios, embora em etapas avançadas, ainda não são suficientes para os ensaios em humanos. Segundo Zollner, as expectativas são de iniciar os testes em 2002. “A partir disso, ainda temos que adotar as fases requeridas pelos órgãos competentes”.

O câncer — De acordo com a aplicação, os lipossomas devem ser projetados e construídos para uma finalidade específica. Para a terapia do câncer, por exemplo, é necessário direcionar o veículo para o tumor e projetar uma liberação localizada do medicamento para maior eficiência. A utilização de lipossomas nas terapias

O que são lipossomas

Os lipossomas são partículas esféricas de lipídeos com tamanhos que variam 50 nanômetros a alguns micra, possíveis de se enxergar somente em microscópio de alta resolução. Elas são capazes de encapsular em seu interior substâncias de diversas naturezas. Foram descobertos em 1960 pelo cientista inglês Alec Bangham. Somente em 1980, no entanto, as pesquisas em torno dessa estrutura foram intensificadas, alcançando na década atual, presença constante na indústria cosmética e farmacêutica.

as do câncer são as mais estudadas no mundo, explica Maria Helena. Estudos com drogas potentes como a camptotecina, fazem parte dos trabalhos do grupo, sob a orientação dos professores Francisco Pessine, do IQ e Maria Helena Andrade Santana da FEQ.

Conforme a aplicação, vários tipos de lipossomas podem ser projetados e produzidos. Atualmente, as pesquisas desenvolvidas na Unicamp envolvem os vários tipos de lipossomas, e alguns deles já encontram-se em fase de estudos na FEQ para o aumento de escala do processo de produção.

O desenvolvimento da tecnologia envolve também a produção da matéria-prima, principalmente quando se trata de lipídios especiais como é o caso de lipídios chamados diacetilênicos, para produção dos lipossomas polimerizados. “Para chegar neste estágio foi mais difícil do que se imaginava inicialmente”, afirma o professor Carlos Roque, do Instituto de Química. Ele lembra que o processamento de diferentes tipos só foi possível depois de um ano e meio de experiências. “No início das pesquisas, só contávamos com um tipo de lipídio importado e de difícil aquisição”, lembra. Daí surgiu a idéia de se produzir o material no próprio laboratório. Com isso, abriu-se o leque de possibilidades, pois os pesquisadores sintetizaram duas novas espécies de estrutura, inéditas na literatura.

EXTENSÃO
EXTENSÃO

Um ato simples

HC faz campanha para aumentar doações e estuda criação de unidade

Débora Pereira Fernandes Domingues, 38 anos, casada, técnica de informática. Há algum tempo, os médicos detectaram nela problema de rim: o *Lúpus eritematoso*, doença ainda hoje de origem desconhecida pela ciência, que ataca o tecido conjuntivo. Logo começaram a aparecer os primeiros sintomas da doença: febre, emagrecimento, manifestações cardiovasculares, renais e nas articulações. Há quatro anos os rins de Débora deixaram de funcionar e ela passou a fazer hemodiálise.

Hoje Débora ocupa a incômoda nonagésima primeira posição na fila de espera por um órgão para transplante do Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp. "Pelo jeito, essa espera ainda vai ser muito longa. Vivo para isso, tenho fé e muita esperança de que ainda vou conseguir o transplante e viver uma vida normal. O que me consola é saber que tem gente — médicos e pessoas comuns — que se preocupam com isso", diz Débora.

É com o objetivo de reverter esse triste e doloroso quadro que o Hospital das Clínicas da Unicamp acaba de lançar uma grande campanha para captação de órgãos e, por consequência, acelerar o número de pessoas doadoras. E mais: até o final do ano, o hospital vai criar uma unidade exclusiva para a realização de transplantes, segundo o superintendente do HC, Paulo Rodrigues da Silva, construída com recursos do Ministério da Saúde. "Hoje, quem precisa de um transplante é internado com outras pessoas, e a nova unidade vai possibilitar que o hospital dobre o número de pacientes atendidos", ressalta.

Atualmente, mais de duas mil pessoas estão aguardando na fila para conseguir um transplante de órgãos como rim, fígado, coração e córneas. Segundo o urologista Adriano Fregonesi, coordenador da Central de Captação de Órgãos do HC, a média de espera desses pacientes é de aproximadamente



**Transplante de órgãos.
Essa via tem duas mãos.**

Cartaz de divulgação da campanha

três anos, período em que cerca de 30% dos pacientes morrem antes mesmo de receber um órgão. "O nosso maior problema é que a oferta de órgãos é muito inferior ao que efetivamente precisamos", diz ele.

Receio — Com a finalidade de reverter esse perfil, médicos,

transplantados e pacientes de lista de espera estão se mobilizando para alterar leis que regem os mecanismos para doação, de forma a elaborar estratégias eficazes para conscientizar a população sobre a importância de se doar um órgão. Com esse mesmo objetivo, a Secretaria Estadual de Saúde descentralizou o sistema de captação de órgãos em São Paulo em quatro blocos, medida que facilita o trabalho dos médicos para encontrar órgãos que possam ser transplantados. Um desses blocos de informações é centralizado pela Unicamp, que administra 127 municípios da região de

Campinas.

Fregonesi explica que a demora das famílias em tomarem a decisão se devem ou não doar os órgãos de algum parente morto é um dos problemas que acabam por inviabilizar o processo. "Um transplante de coração deve ser feito dentro de, no má-

ximo, quatro horas, depois da retirada do órgão. Mas nem sempre isso ocorre. Por isso é que propomos que o assunto deva fazer parte de discussões entre os familiares", assinala o médico. Ele adianta que a fila de espera por um transplante no Brasil ganha um novo paciente a cada hora. O mais dramático é que a extensão da fila parece não se alterar, em virtude do número de pessoas que morrem enquanto aguardam pela doação.

O receio das pessoas em doar seus órgãos parece ser o principal motivo que impede que a lista de doadores cresça. "As famílias temem, por exemplo, os laudos que identificam a morte do cérebro de seus parentes. Situações em que a pessoa está clinicamente morta, embora tenha outros órgãos no corpo funcionando com o auxílio de aparelhos",

diz Fregonesi. "Sempre circulam, boatos de que os médicos divulgam laudos com objetivo de retirar os órgãos da pessoa para comercializá-los, e isso não existe em hipótese alguma". Para se fazer um transplante, participam do processo cerca de 50 pessoas, que vai desde a retirada do órgão até o seu implante no paciente que o aguarda e é praticamente impossível efetuar algo ilegal com a participação de tanta gente. Para ele, há muito tempo o transplante de órgãos deixou de ser um procedimento experimental ou de alto risco para o paciente, e hoje o índice de sucesso com esse tipo de cirurgia é de aproximadamente 80%. Os interessados em participar dessa campanha da Unicamp poderão entrar em contato com a Universidade por meio dos telefones 788-8003 ou 788.800. (A.R.F.)

Livraria e Papelaria
Angepel
Livros Didáticos Material Escolar e Escritório
Impressos Fiscais Xerox e Encadernação

Rua Horácio Leonardí, 12 - B. Geraldo
Campinas
LIVRARIA E PAPELARIA TOLEDO
na Faculdade de Educação Unicamp
Fone: 788-5560

(019) 289-6303
289-6304

Mimo's
Cestas e Flores
(19) 289-2734
AV. DR. ROMEU TÓRTIMA, 413 BARÃO GERALDO

VALISE DE CRONÓPIO MUDOU:

sebo brechó
Valise Jde Cronópio
móveis decoração

LIVROS - CDs
GIBIS E REVISTAS
ROUPAS SEMI-NOVAS
E ACESSÓRIOS
MÓVEIS E TAPETES
ARTESANAIS

**E agora também
delicioso café-bar.**

Av. Albino J. B. Oliveira 1351 (próximo ao Banespa)
R. Maria Luiz B. Pattaro 132 (entrada opcional)
Fone (19) 289-0028

sebo brechó
Valise Jde Cronópio
móveis decoração

LIVROS - CDs
GIBIS E REVISTAS
ROUPAS SEMI-NOVAS
E ACESSÓRIOS
MÓVEIS E TAPETES
ARTESANAIS

☎ 289-0028

Av. Albino J. B. Oliveira 1351 (próximo ao Banespa)
R. Maria L. Buratto Pattaro 132 (entrada opcional)
Barão Geraldo - Campinas SP
✉ valise@ig.com.br

**TELEMESSAGENS E CESTAS
DOCES PALAVRAS**
Para todas as ocasiões.

Preços especiais para
funcionários da Unicamp.
289-0450

TRAZENDO O RECORTE DESTA ANÚNCIO, VOCÊ GANHA A SOBREMESA.

DON PEYRONE

RESTAURANTE CASEIRO SELF-SERVICE
1 Ano de bom atendimento em Barão Geraldo.

- Don Deliciosa Comida Caseira
- Don Saladas Diversificadas
- Don Carnes Grelhadas
- Don Som Ambiente Agradável
- Don Sala com TV

Segunda a Sexta
11h30 a 14h30

Av. (Um) Dr. Romeu Tórtima 500 - Fone (19) 249-0285

ARTE
MÚSICA



Ritmos da Terra

ANTÔNIO ROBERTO FAVA

O evento "Ritmos da Terra", promovido pela Unicamp, trouxe o ancestral e o moderno para a cidade, em uma festa da arte percussiva que fez história no mês de maio. Quem ouviu, não esquecerá a beleza do urbano/rural de Mestre Ambrósio, a energia do Djambafolé, as festas maranhenses do Bumba-meu-Boi e Tambor de Crioula, o som colhido na África, Índia e América e cozido pelos norte-americanos do Hand On' Semble, o arrepiante pandeiro italiano de Alessandra Belloni, entre outros. Foram 34 apresentações de grupos e solistas do Brasil e de mais 8 países (Argentina, Uruguai, Venezuela, EUA, Portugal, Espanha, França e Itália), 18 oficinas oferecidas pelos músicos que se apresentaram na Mostra, uma exposição de 240 instrumentos de percussão representando 40 países e o I Simpósio Brasileiro de Percussão e Ação Social (com 300 pessoas entre mais de 30 projetos sociais que utilizam a percussão como tema de trabalho), além de três festas populares - Samba Paulista, Boi do Maranhão e Samba Enredo.

Juntar tudo isso num uníssono - realizando o maior evento de percussionistas do País e certamente um dos mais importantes do mundo - foi o trabalho de Dalga Larrondo, professor do Instituto de Artes (IA). Apesar de "Ritmos da Terra" ter acontecido em meio à greve, superou as expectativas, tanto na parte das apresentações como no alcance social. "Foram mais de 100 horas de atividades simultâneas, entre workshops, debates, exposição e oficinas", relembra Larrondo.



Meninos do Tabinha: energia. No alto, cenas das apresentações de Mestre Ambrósio, Djambafolé e criança na exposição

Ação Social - O I Simpósio Brasileiro de Percussão e Ação Social aconteceu no Centro de Convenções da Unicamp, de 24 a 26 de maio, e

O maior evento do gênero no país reúne músicos e especialistas, expressão artística e reflexão em torno da percussão

reuniu educadores, percussionistas, músicos, pedagogos, terapeutas, psicólogos, crianças e adolescentes. Como parte do encontro internacional de percussão, o simpósio tinha entre suas propostas discutir a criação de mecanismos e formular projetos que visem tirar das ruas crianças e adolescentes em situação de risco.

Segundo o professor Roberto Teixeira Mendes, Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, a Unicamp deseja e procura participar do fenômeno que é fazer uma criança de periferia interessar-se pela percussão coletiva e adotá-la como atividade. "A Universidade está apenas cumprindo o seu papel, que é produzir e divulgar conhecimentos e cultura", disse.

O simpósio reuniu aproximadamente 400 pessoas, integrantes de conjuntos de percussão de diversas regiões do Brasil. Eles responderam pela apresentação de cerca de trinta projetos de caráter social, que têm como principal elemento de trabalho o instrumento de percussão. Um dos objetivos foi a busca de alternativas, como financiamentos ou contratos de parcerias, para que os projetos tenham êxito. A maioria dos grupos queixou-se da dificuldade de conseguir apoio, principalmente financeiro, de órgãos governamentais - ou de empresas particulares. No entanto, as dificuldades não se limitam a isso. "Apesar das boas intenções, é difícil encontrar pessoal especializado para trabalhar com a gente. Seria interessante que os governos criassem meios

de instruir melhor esse pessoal", diz Silvia Laís Camargo e Silva, do Grupo Raiz Afroxé, formado por 40 adolescentes.

Consciência - Para Dalga Larrondo, a percussão tem o poder mágico de despertar na criança ou no adolescente a disciplina, a responsabilidade e a consciência que eles precisam para mudar de vida. "Seja como músico ou como qualquer outro profissional", diz Larrondo.

Segundo Max Nunes de França, de 18 anos, integrante do grupo Raiz Afroxé, o projeto do grupo é "batalhar para que possamos chegar à mídia, e não apenas mostrar a nossa arte nas feiras e escolas da periferia de São Paulo. Só assim é que vamos nos desenvolver, ampliar a nossa infraestrutura, o nosso know-how". O percussionista afirma que no Brasil há excelentes grupos à margem. "É preciso, entretanto, criar uma infra-estrutura legal para que os seus integrantes não se envolvam com drogas, em delitos ou com qualquer outro tipo de violência", diz. E para que isso não ocorra é necessário que "os instrumentistas tenham orientação de gente especializada, um psicólogo ou um professor", acredita Paulo Henrique.

Entre os muitos projetos apresentados durante o simpósio, a terapeuta Giovanna Augusta da Silva Delorenzo Said ressalta os do Arreda-Boi, de Santa Catarina, o Axé Opô Afunjá, da Bahia, o Tabinha, de Minas Gerais e o Raiz Afroxé. Todos, com poucas variações, buscam, indistintamente, a valorização do folclore, seja ele local ou regional, e, sobretudo, ocupar com uma atividade artística as crianças que ficam ociosas pela rua, levando-as para dentro de suas próprias comunidades. Um bom exemplo disso é o caso do Bate-Lata, de Campinas.

Dois outros grupos que estão se sobressaindo são o Tabinha, de Uberlândia (MG), e o Kamu, de Belém (PA). O primeiro tem como proposta preservar e valorizar os ritmos afro-brasileiros, a exemplo do congo, moçambique e coco, executados pelos moradores mais antigos do bairro. O segundo, além de aprender a executar músicas do folclore brasileiro, fabrica seus próprios instrumentos. Os dois grupos buscam apoio de empresas particulares e também do governo municipal para levar seus projetos adiante.

O tam-tam de várias culturas, aqui

Maracas, reco-reco, *temble block*, djambê, sinos, kalimba ou o simples pandeiro de fabricação brasileira. Quem visitou a Expo-Percussão no Teatro de Arena do Centro de Convivência Cultural de Campinas, durante o megaevento "Ritmos da Terra - Mostra Internacional de Percussão", seguramente teve a rara oportunidade de apreciar instrumentos diferentes e viajar pela arte, pela cultura, pela história e pela religião de diferentes povos das três Américas. Batizados com nomes que poderiam soar estranho ao ouvido da maioria dos brasileiros, havia ali, entre os 240 instrumentos expostos, o pouplar berimbau brasileiro, os não menos conhecidos pandeiros, de origem asiática e africana, até peças mais curio-

sas como o tambor falante (feito de madeira e pele animal), original da África, e fabricado na Costa do Marfim.

O Brasil é um importante fabricante de alguns dos mais usados instrumentos de percussão por povos estrangeiros. Um deles é o célebre reco-reco, muito executado não só pelo músico brasileiro, como por africanos. Isso sem falar da tumbadora, de origem cubana, largamente construída e disseminada no Brasil. O visitante pôde ver (e tocar) as maracas de origem latina, de cabaça, madeira e contas feitas na Venezuela. Havia também o flexatone e o tambor de apache, ambos de origem norte-americana; o *temble block* cubano, e o djambê africano, construído no Senegal. Pôde contemplar

ainda a tabla da Índia, os sinos do Egito, o pandeiro africano, de fabricação japonesa, e o bendir, de origem oriental, mas de construção espanhola.

Interesse do público - Guilherme da Silva Leme, de dez anos, considerou a exposição "muito interessante. Tem coisas aqui que eu nunca vi antes". E o instrumento que mais gostou foi o vibrafone, muito usado em música de jazz, que tem uma série de lâminas de aço que se percute com baquetas e com ressoadores, dentro dos quais uma pequena pá elétrica agita o ar ampliando as vibrações. "Mas acho que é um instrumento difícil de aprender", diz Guilherme.

Já o garoto Vitor Hosoe, também de dez anos, gostou mais do berimbau, "devido ao som diferen-

Instrumentos da exposição: curiosidade do público



te que produz". Embora toque violino, vive a incerteza de ser ou não ser músico no futuro.

Andando de um lado para o outro, Carolina Pereira Lopes, de nove anos, pára na frente de um instrumento simples, mas um tanto curioso: o tam-tam, pequeno tambor de origem chinesa, confeccionado com liga de metal. "Tem muita coisa bonita aqui, mas isso é o que me chamou mais a atenção", diz ela.